International Journal of Advanced Engineering Research and Science (IJAERS)
Peer-Reviewed Journal
ISSN: 2349-6495(P) | 2456-1908(O)
Vol-9, Issue-9; Sep, 2022
Journal Home Page Available: https://ijaers.com/
Article DOI: https://dx.doi.org/10.22161/ijaers.99.24



Approach to death in the school context: a study anchored in the school's organizational documents

Maria de Fátima da Silva Monteiro[1], Maria Regina Teixeira Ferreira Capelo[2*]

[1]Escola Secundária Adolfo Portela, Portugal
Email: fatimadouto@gmail.com
[2] CLEPUL/Polo da Madeira, Portugal
Email : m.regina.capelo@gmail.com
[*]*Corresponding author*

Received: 10 Aug 2022,

Received in revised form: 06 Sep 2022,

Accepted: 11 Sep 2022,

Available online: 19 Sep 2022

***Keywords*— death, education, school's organizational documents**

***Abstract*—*The study aims to verify if the theme of death is addressed in a private elementary and secondary school, with a Christian origin, located on the northern coast of Portugal. The qualitative, exploratory, transversal and descriptive research is based on the analysis of the school's organizational documents, specifically, the School Educational Project, the School Curriculum Project, the Internal Regulation and the Annual Activity Plan. The results suggest that it is not possible to identify explicit mentions of the theme of death in the organizational documents, expressive of the curricular concerns of the School. However, they emphasize related themes referring to the limits of the human condition, such as finitude, vulnerability, integral formation, attitudes and values. A new educational project on death and finitude becomes fundamental to ground the education of young people in the meanings that reward their lives.*

I. INTRODUÇÂO

A morte ocupa um lugar tabu e de interdição na cultura ocidental, que impede as pessoas de a aceitarem como algo inerente à vida [1, 2]. Ela é um fenómeno integrante da vida porque constitui-se como algo inseparável à própria existência [3].

A morte representa "*o último ato" da comédia humana; "provavelmente o mais difícil",* reportando-se às dimensões de desconhecido, vulnerabilidade, finitude e limite da condição humana, inspira temores e receios ao ponto de poder dizer-se que se "*morre de medo de falar da morte*" [4, p. 78]. Porém, o ser humano não só é um ser mortal, como é um ser consciente dessa sua condição de finitude.

A morte define a consciência de um ser temporal, de um ser que sabe que está condenado a desaparecer, surgindo associada aos acontecimentos existenciais que desafiam a liberdade, como a doença, o sofrimento, o luto e uma série de situações limite que ocorrem durante toda a vida. Em todos os casos, a morte é explicada como o que constitui, para um ser vivo, uma dupla figura negativa da alteridade: é a negação pura, total, do ser; ela surge sempre como o resultado de um confronto com algo que não é e que pode destrui-lo [5]. Como tal, a ideia de morte é geradora de angústia e medo. Um medo que é necessário vencer, dado que o medo é paralisante, o medo não abre horizontes, o medo impede-nos de viver a vida em toda a sua plenitude durante o tempo que lhe está destinado. Porém, apesar da morte integrar o quotidiano dos alunos, a escola não contempla no seu currículo essa temática [3].

Todos os dias, crianças e adolescentes convivem com a morte e simultaneamente são poupados para não sofrerem. Banida da comunicação, a morte continua cada vez mais próxima das pessoas, sobretudo, através das telecomunicações e das redes sociais. Ela é concomitantemente interdita e companheira cotidiana,

invasiva, sem limites e apesar de próxima, impera a conspiração do silêncio, pautado pela evasão da abordagem ao assunto por medo do sofrimento que poderá imprimir [6]. No entanto, falar da morte modifica a forma de se relacionar com ela, com as perdas e com o luto [1]. Esse pressuposto pode indiciar a importância e a potencialidade da abordagem à morte na promoção da saúde mental.

Os pressupostos enunciados levam a crer que se torna essencial ampliar o escopo da educação para a morte, fundamentada na importância de discussão do tema numa sociedade na qual convivem a morte interdita e reumanizada e a morte escancarada no cotidiano das pessoas [6]. Ora, precisamente, a educação institui-se como um lugar de mudança e de formação crítica, funcionando nessa medida como antídoto contra o fatalismo e o pessimismo, ajudando o individuo a passar do plano ideal ao plano da concretização prática. Neste processo, a propósito do fundamento bio antropológico da existência, Morin [7] salienta que é preciso partir, não do caráter surpreendente, paradoxal e escandaloso da morte em relação à ordem viva, mas do caráter surpreendente, paradoxal e escandaloso da vida em relação à ordem física, porque a vida é novidade, a vida é surpresa, a vida é construção criativa e esperançosa, enquanto a morte representa a dimensão do desconhecido e de alteridade que interpela, ensina e desafia permanentemente.

Atualmente, em conformidade com as metas educacionais privilegiadas pela sociedade educativa, as escolas adotam uma visão lata de currículo de forma a valorizar um leque amplo de aprendizagens, sejam formais, não formais ou informais. Assim, ao contrário do cenário tradicional em que toda a dinâmica pedagógica da escola estava subordinada ao que se encontrava prescrito nos programas oficiais, apela-se agora a uma intervenção qualificada dos professores num quadro de autonomia da própria organização escolar.

Esta inscrição da palavra autonomia no contexto educacional evidência a tendência descentralizadora das políticas educativas, que idealizam a escola, não só como um local estratégico de decisão curricular, mas também como espaço de mudanças organizacionais e funcionais tendentes à melhoria do ensino e à adequação do sistema educativo às exigências com que hoje se confronta. Tendo em conta as considerações supracitadas, o presente estudo tem como objetivo verificar se o tema da morte é abordado nos documentos orientadores de uma escola do ensino secundário.

II. MÉTODO

Em função do objetivo delineado, este estudo exploratório, transversal e descritivo, posiciona-se numa abordagem qualitativa [8], de caráter essencialmente interpretativo uma vez que buscou a compreensão do problema em pauta. A ênfase do paradigma qualitativo é colocada na compreensão do mundo social a partir da experiência subjetiva concebida como um complexo de pressupostos e significados partilhados intersubjetivamente [9].

Com o foco na exploração da presença do tema “morte” nos documentos orientadores da vida escolar, foi nossa intenção aclarar a problemática que preside a este estudo. Neste âmbito, as questões de partida equacionadas foram:

- Quais são os documentos referenciais da organização e gestão da escola?

- A temática “morte” é considerada de forma explícita nos documentos organizacionais da escola?

Este artigo consiste num recorte de um estudo mais vasto alusivo à *“Educação, Morte e Esperança. Exigência de pedagogia escolar e social”*. O estudo desenrolou-se numa escola privada, de matriz cristã, localizada no litoral norte de Portugal mediante anuência prévia do órgão de gestão. Para proteger a identidade do estabelecimento de educação e ensino, a mesma foi denominada pela letra X.

A recolha dos dados emergiu da leitura e análise acurada dos documentos que, no âmbito da autonomia conferida, explicitam a organização da vida da escola e se constituem instrumentos referenciais e curriculares fundamentais.

Os dados obtidos foram sujeitos a análise de conteúdo em consonância com os pressupostos teóricos preconizados por Bardin [10], considerando as três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Os procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição das mensagens concederam indicadores que permitem a extração de inferências. No final do processo os dados foram sintetizados em categorias e comparados com o referencial teórico-metodológico, aos pressupostos e ao objetivo previamente estabelecido.

III. RESULTADOS

Os documentos orientadores das dinâmicas cotidianas da escola X, elaborados num contexto de responsabilização, autonomia e flexibilidade curricular, em conformidade com os normativos legalmente estipulados, são: o Projeto Educativo de Escola (PEE), o Projeto Curricular de Escola (PCE), o Regulamento Interno (RI) e o Plano anual de Atividades (PAA) (Quadro 1).

Quadro. 1: Documentos orientadores das dinâmicas da escola

Documentos	Normativo	Propósito
Projeto Educativo da Escola (PEE)	Decreto Lei n.º 75/2008 de 22 abril [11]	Instrumento que expressa o planeamento institucional e estratégico da escola Aborda de forma clara, a missão, a visão e os objetivos gerais da escola: Visa orientar toda a ação educativa
Projeto Curricular de Escola (PCE)	Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho [12] Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho [13]	Instrumento de gestão curricular que que permite adequar as necessidades da escola às orientações curriculares definidas pelo governo
Regulamento Interno (RI)	Lei n.º 51/2912, de 5 de setembro [14], na versão retificada pela Declaração de Retificação n.º 46/2012, de 17 de setembro Estatuto do Aluno e Ética Escolar (artigo 49º) [15]	Instrumento de regulação da vida interna da escola e da sua articulação com a comunidade educativa Determina o regime de funcionamento, gestão e organização da escola
Plano Anual de Atividades (PAA)	Decreto-Lei 183/96, de 27 de setembro [16]	Instrumento que, em função do PEE consagra a arquitetura espácio-temporal das atividades a desenvolver ao longo de cada ano letivo, os respetivos intervenientes e os recursos a afetar à sua implementação.

Na essência, o PEE, o PCE, o RI e o PAA traduzem a intencionalidade, os valores e a orientação da ação educativa.

Em rigor, não foi possível identificar menções explícitas à temática da morte e da finitude humana nos documentos orientadores da ação educativa expressivos das preocupações curriculares da Escola X. No entanto, temas conexos referentes aos limites da condição humana como finitude, vulnerabilidade, formação integral, atitudes e valores foram mensagens inferidas, categorizadas e sistematizadas no quadro sinóptico 2.

Quadro. 2: O tema "morte" nos documentos orientadores da Escola

Morte	
Categorias	Excertos de texto
Finitude humana	*Em colaboração com a Família a Escola proporciona espaços de discernimento e reflexão consciente e responsável sobre a pessoa, a vida e as relações humanas, no prisma dos valores morais e espirituais fundamentais do humanismo cristão, (...) "amor ao próximo", (...) vocação para o "transcendente" ou "absoluto"...* (PEE, p. 14)
	A escola procurará contribuir para a realização do aluno através do pleno desenvolvimento da sua personalidade, da formação do caráter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos (RI, p. 2)
Vulnerabilidade	*No sentido de chegar mais longe no seu aperfeiçoamento e crescimento pessoais, no respeito pela dignidade da natureza humana e pelos valores da solidariedade e tolerância para com os outros* (PCE, p. 2)
Formação integral	*Usufruir do ambiente e do Projeto Educativo que lhe proporcionem as condições para o seu pleno desenvolvimento físico, intelectual, moral, cultural e cívico e para a formação da sua personalidade* (RI, p. 24)
	Com efeito, a escola pressupõe sempre um projeto educativo que tem que ver, para além das questões associadas aos meios e metodologias, com um universo de conceções e convicções acerca do homem, do mundo, da vida e da sociedade (PEE, p. 5)
	A formação integral da pessoa pressupõe o vértice essencial das emoções e dos afetos (PEE, p. 17)
Valores e atitudes	*A tarefa prioritária na construção do Projeto Educativo desta Escola radica no pressuposto de o tornar um projeto global de educação em atitudes e valores* (PEE, p. 14)
	As atitudes e os valores podem ser aprendidos (ser melhorados, alterados, incorporar outros novos) e, portanto, devem ser ensinados: os valores que englobam toda a existência, sendo essenciais para a pessoa chamada a viver em sociedade; os que são necessários para realizar qualquer processo de aprendizagem escolar; finalmente, os mais modestos, os valores que resultam dos conteúdos específicos de cada programa disciplinar e que condicionam a aquisição de

	competências (PEE, p. 16)
	São deveres específicos do aluno: (...) Empenhar-se na sua educação e formação integral (RI, p. 27)
	Para esta Escola X constitui um desafio, e uma responsabilidade, ajudar a formar cidadãos livres, responsáveis, solidários e autónomos. Educar e ser educador consiste em assumir responsabilidades relativamente ao mundo. A ação educativa consiste na transmissão do melhor legado moral com que contamos que é aquele que lhe dá autoridade (PEE, p. 15).

IV. DISCUSSÃO

O propósito formativo da escola portuguesa X, de ensino privado, de matriz cristã, expresso nos documentos orientadores analisados (PEE, PCE, RI e PAA) assinala a referência axiológica que orienta o currículo dos alunos, direcionada para a formação de valores e atitudes, traduzida no propósito de mobilizar todos os educandos para a participação ativa na transformação da sociedade. Nessa medida, a escola apela aos seus alunos para que sejam testemunho de espiritualidade num mundo materializado.

Na busca de sentidos que pudessem enunciar morte, a finitude, a espiritualidade ou a transcendência, a partir a análise dos textos, num olhar intersubjetivo, foram extraídas categorias conexas com o tema norteador, nomeadamente, finitude humana (PEE; RI), vulnerabilidade (PCE), formação integral (PEE; RI) e atitudes e valores (PEE; RI).

Salienta-se o facto de estarmos perante uma escola que, no seu PEE, assume preocupações com uma formação marcadamente humanista subordinada a uma matriz cristã, cuja missão fundamental consiste em Educar e preparar para a vida, associando a este repto valores de índole religiosa como o “amor ao próximo” e a vocação para “o transcendente” ou “absoluto” e ainda outros valores comuns como: liberdade, autonomia, responsabilidade, justiça, igualdade de oportunidades, civismo e solidariedade. Neste sentido, proclama a intenção de tentar atingir, em todos os domínios da vida escolar, uma Educação alicerçada em dinâmicas pedagógicas de respeito e proximidade humana, concebida como uma educação integral que busca potenciar o desenvolvimento de todas as faculdades dos educandos.

No que concerne ao PCE evidencia-se, novamente, a necessidade de educar para os valores e para a preparação para a vida, promovendo o desenvolvimento articulado de todas as capacidades dos alunos e potenciando qualidades, talentos e destrezas que farão deles membros ativos na transformação da sociedade, atuando com sentido de justiça, de não-violência e almejando o progresso humano. Neste domínio, o RI elaborado em conformidade com o artigo 49º do Estatuto do Aluno e Ética Escolar [14, 15], emerge como o documento mais ilustrativo. Sob o ponto de vista legal, o referido normativo corresponde ao instrumento que define o regime de funcionamento da escola, de cada órgão de gestão, das estruturas de orientação e dos serviços de apoio educativo, bem como explicita os direitos e os deveres da comunidade educativa. Deste modo, espera-se que o RI possa tornar-se num instrumento indispensável à construção de um clima de cooperação entre os diferentes membros da comunidade escolar, de modo a promover a ação educativa, no respeito por valores, direitos e deveres, regras e normas de conduta a cumprir por todos. Porém, nenhum dos capítulos que compõem o RI faz referência explícita e objetiva a questões concretas relacionadas com o tema da morte ou outros temas conexos. Mais uma vez, este documento orientador deixa transparecer o princípio diretor da ação formativa e pedagógica da Escola X, assente na educação para os valores. O RI não reporta nenhum procedimento prático ou quaisquer recomendações alusivas a situações de morte, perda ou luto que possam afetar qualquer membro da comunidade escolar. Também não contém referências a procedimentos face a situações críticas e inesperadas ou a outras ocorrências perturbadoras que possam afetar a comunidade educativa.

Do mesmo modo, não encontrámos referências atinentes à planificação de iniciativas alusivas à morte no PAA. Neste âmbito, também não encontrámos estudos que permitissem infirmar ou contrastar os resultados obtidos.

Este estudo descortina deficit na abordagem à morte nos documentos referenciais do quotidiano escolar, tal como asseveraram Aquino, Aguiar, Vasconcelos e Santos [3]. Essa lacuna espelha a presentemente sociedade ocidental, transmite inquietações acerca da ausência de educação para a morte nos contextos escolares [3, 6, 17], confirma a ideia de que a morte é percebida como tabu. Em contrapartida, é imperativo falar sobre a morte porque modifica a forma de se relacionar com ela, com as perdas e com o luto [1]. Crê-se, no entanto, que a morte não está totalmente ausente da vida escolar, encontrando-se presente de modo implícito e sujeita a abordagens fragmentadas e episódicas.

O estudo sobre *Educação para a morte*, ancorado numa revisão da literatura sobre os conceitos humanos da

morte, permitiu deduzir que a fuga da morte muitas vezes repetida pelo homem, significa a fuga da própria vida [18]. Também alerta que não é nenhuma forma de educação religiosa que prepara para a conquista do céu. Reitera a necessidade de ser instituída a educação para a morte, defendendo que é através desse processo educacional tendente a ajustar os educandos à realidade da vida, que não se resume no viver, mas sobretudo no existir e no transcender. Esta evidência permite acreditar que, apesar da morte fazer parte da existência e estar presente no dia-a-dia de todos nós, ainda são necessários investimentos de natureza pedagógica na formação dos indivíduos, para que possam, de forma natural, lidar com o fenómeno.

V. CONCLUSÃO

O objetivo do presente estudo consistiu em verificar se o tema da morte é abordado numa escola de ensino secundário, privada, de matriz cristã, localizada no litoral norte de Portugal.

Considera-se que o intuito da pesquisa foi alcançado, tendo em conta que foram examinados os principais documentos orientadores do quotidiano da Escola X, concretamente, o PEE, o PCE, o RI e o PAA. Da análise dos documentos sobressaíram referências a preocupações de ordem espiritual decorrentes da matriz cristã da escola. Porém, foi possível confirmar que o tema "morte" não consta de modo explícito, mantendo-se interdito nos seus referenciais.

A capacitação dos professores e dos psicólogos e/ou de outros agentes educativos sobre a forma de lidar com a questão da morte ou com outras questões conexas, designadamente as estratégias de apoio aos alunos ou a outros elementos da comunidade escolar que estejam a vivenciar situações especialmente dolorosas, de luto, doença terminal ou perda imprevista é fundamental.

A promoção de espaços de discussão que integrem a díade vida-morte é imperiosa tanto para os alunos como para docentes, não docentes, pais e encarregados de educação e demais membros da comunidade educativa porque abordar a morte corresponde a refletir sobre a própria vida. Além disso, um novo projeto educacional sobre a morte e a finitude torna-se fundamental para alicerçar a educação dos jovens nas significações que premeiam as suas vidas.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento a todos os que direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste estudo.

REFERENCES

[1] Meira, M. M., & Fensterseifer, L. (2020). Death Caf. Um convite para falar sobre a morte em tempos de interdição. *Pretextos*, 5/9), 275-291.

[2] Rebelo, J. E. (2004). *Desatar o nó do luto.* Cruz Quebrada: Casa das Letras.

[3] Aquino, T. A. A., Aguiar, A. A., Vasconcelos, S. X. P., & Santos, S. (2014). Falando de Morte e Finitude no Ambiente Escolar: Um estudo à Luz do Sentido da Vida. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(2), 302-317. Retirado de https://doi.org/10.1590/1982-3703000092012

[4] Montaigne, M. (1962). *Ensaios Livro 2.* Porto Alegre: Editora Globo.

[5] Moreau, D. (2010). *Les Voies du Salut: um essai philosophique.* France: Bayard.

[6] Kovacs, M. J. (2021). *Educação para a morte: Quebrando paradigmas.* Novo Hamburgo: Synopsys Editora.

[7] Morin, E. (1988). *O Homem e a Morte.* Mem Martins: Publicações Europa-América.

[8] Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos.* Porto: Porto Editora.

[9] Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação. Um guia prático e crítico.* Porto: Edições ASA.

[10] Bardin, L. (1995). *Análise de Conteúdo.* Lisboa: Edições 70, Lda.

[11] Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril, publicado no Diário da República n.º 79/2008, Série I.

[12] Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, publicado no Diário da República n.º 129/2018, Série I.

[13] Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, publicado no Diário da República n.º 129/2012, Série I.

[14] Lei n.º 51/2012, de 5 de setembro, publicada no Diário da República n.º 172/2012, Série I.

[15] Declaração de retificação n.º 46/2012, de 17 de setembro, publicada no Diário da República n.º 180/2012.

[16] Decreto-Lei n.º 183/96, de 27 de setembro, publicado no Diário da República n.º 225/1996.

[17] Azevedo, M. C. (2006). Valores culminantes: Educação para a morte / Educação para a vida. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 40(2),159-183. Retirado de https://doi.org/10.14195/1647-8614_40-2_5

[18] Pires, H. (2020). *Educação para a Morte*. São Bernardo do Campo – SP: Editora Espírita Correio Fraterno.